

RELATO DE EXPERIÊNCIA - EIXO 1 - PRÁTICAS E SABERES QUE VÊM
DAS MARGENS

SE TRATA DE UMA CLÍNICA EM BANDO?

Isabella Domingues Brito (isabella.brito08@unifesp.br)

Júlia Salles Serpa (juliasserpa@gmail.com)

Marina Roveri Prado (mrprado@unifesp.br)

Letícia Cruz Cerqueira (cerqueira.leticia@unifesp.br)

Ana Luisa Esposito Mafra E Silva (e.ana@unifesp.br)

Alexandre De Oliveira Henz (alexandre.henz@unifesp.br)

Eduardo De Carvalho Martins (martins21@unifesp.br)

Marilda Paixão Isaias Dos Santos (marildapaixaod@gmail.com)

Uma clínica em bando começa a ser gestada no território da Bacia do Mercado de Santos/SP em articulação com o pensamento de Édouard Glissant, Gilles Deleuze, Jean Oury e também com Alice, uma criança de seis anos que transita entre os do bando (estudantes de segundo ano em formação interprofissional cursando o Eixo Trabalho em Saúde da Universidade Federal de São Paulo, estagiárias de psicologia de quarto e quinto ano, professores, técnicos, trabalhadores da região, entre outros), explorando-produzindo a heterogeneidade dos vínculos, nômades. Este trabalho visa compreender quais as possíveis articulações e desenhos de uma clínica em bando, em nossas vivências práxis teórico-práticas. Para isso, serão analisadas notas dos diários de campo das estagiárias, dando contorno à experiência. Entendemos que o

nosso trabalho com a rua aposta em estar junto, utilizando-se de dispositivos, que funcionam como pretexto para abrir fissuras que possibilitem a escuta e a presença no território. Instalamos pequenos "arquipélagos" que agem como convites na larga calçada do Mercado, em meio a dita "cena de uso de substâncias" na cidade e, com esmalteria, jogos e uma roda de música, produzem-se outras cenas. Entre sons e conversas, percebemos que estar em bando permite que o desenrolar de questionamentos, em vez de serem resolvidos de modo reduzido, sejam ampliados em um grupo não uníssono, não homogêneo. Operamos com forças e vidas diversas, em conjunto parecemos acertar mais, porque também erramos mais. Em bando vamos, erraticamente, tateando. Alice, certo dia, tinha incômodos que só apareceram em palavras para uma estagiária depois que pôde expressar-se com raiva com outros do bando. Conclui-se, a partir disso, que as interferências em uma clínica em bando podem rebaixar a consciência, dissolver identidades particulares e permitir, assim, distintas frequências relacionais, multiplicidade de vínculos e criar aberturas com a rua.

Palavras-chave: clínica; rua; território.